

V Jornada de Iniciação Científica

VI SEMINÁRIO CIENTÍFICO DO UNIFACIG

Sociedade, Ciência e Tecnologia

O EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO DA COVID-19: NECESSIDADE, OPORTUNIDADE E SOLIDARIEDADE

Cristiane Pereira Guimarães¹, Quésia Klem Horsts de Oliveira², Matheus de Souza Dimas³, Társis Marcos de Matos Corrêa⁴

¹Mestre em Desenvolvimento Local, UNIFACIG, Manhuaçu-MG, ed.fisica@unifacig.edu.br.

²Mestranda em Desenvolvimento Local, UNISUAM, Rio de Janeiro-RJ, quesia@sempre.unifacig.edu.br.

³Mestrando Profissional em Desenvolvimento Local, UNISUAM, Rio de Janeiro-RJ, matheussdimas@gmail.com

⁴Mestrando Profissional em Desenvolvimento Local, UNISUAM, Rio de Janeiro-RJ, tarsiscorrea@hotmail.com

Resumo: Os impactos causados pela pandemia da COVID-19 vão além da saúde e se refletem no cenário econômico. O índice de desemprego aumentou juntamente com a inflação, ocasionando perdas na economia, principalmente em países ainda emergentes no cenário mundial, como o Brasil. Para evitar ou mitigar os efeitos da pandemia dentro da economia, o governo brasileiro adota uma série de medidas provisórias para injetar dinheiro no mercado e fornecer ajuda aos trabalhadores desempregados. Uma grande parte desse público se vê num cenário onde a sobrevivência pode ser encontrada por meio de atividades empreendedoras. Esse empreendedorismo pode ser dividido entre duas conceituações denominadas de oportunidade e de necessidade. Em um momento de crise, o empreendedorismo por necessidade, ou seja, aquele em que as pessoas recorrem para garantir uma fonte de renda para sobrevivência, é mais comum. Além disso, a formalização do trabalho informal, por intermédio do cadastro do Microempreendedor Individual (MEI), e o empreendedorismo solidário, pautado na criatividade e solidariedade, parecem ser uma tendência para o pós-pandemia. Por fim, na busca por resoluções de impasses presentes (como a falta de renda e pobreza) e problemas que, possivelmente, se arrastarão para o futuro, a pandemia da COVID-19 trouxe com ela novos empreendedores, seja por necessidade, oportunidade e solidariedade.

Palavras-chave: COVID-19; Desemprego; Empreendedorismo.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

ENTREPRENEURSHIP IN THE CONTEXT OF COVID-19: NEED, OPPORTUNITY AND SOLIDARITY

Abstract: The impacts caused by the COVID-19 pandemic go beyond health and are reflected in the economic scenario. The unemployment rate increased along with inflation, causing losses in the economy, mainly less developed, like Brazil. To avoid or mitigate the effects of the pandemic within the economy, the Brazilian government takes a series of interim measures to inject money into the market and provide aid to unemployed workers. A large part of this public finds itself in a scenario where survival can be found through entrepreneurial activities. This entrepreneurship can be divided between two concepts called opportunity and necessity. In a time of crisis, entrepreneurship by necessity, that is, one in which people turn to guarantee a source of income for survival, is more common. In addition, the formalization of informal work, through the registration of the Individual Microentrepreneur (MEI), and solidary entrepreneurship, based on creativity and solidarity, seem to be a trend for the post-pandemic. Finally, in the search for resolutions of present impasses (such as lack of income and poverty) and problems that, possibly, will drag on to the future, the COVID-19 pandemic brought with it new entrepreneurs, whether by necessity, opportunity and solidarity.

Keywords: COVID-19; Unemployment; Entrepreneurship

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 (SARS-CoV-2), ou simplesmente denominada “novo coronavírus”, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020 tem se apresentado até o momento como uma das maiores pandemias que o mundo já enfrentou, bem como no maior desafio para os órgãos de saúde dos últimos tempos. Ainda no mês de setembro de 2020 o mundo superou a marca de 30,5 milhões de infectados, e se aproxima de 1 milhão de mortes, segundo dados da Universidade Johns Hopkins, dos EUA, que acompanha em tempo real o avanço da doença. Segundo os mesmos dados, o Brasil possui quase 4,5 milhões de casos e 135.793 mortes até o momento dessa pesquisa (HOPKINS, 2020). O (ainda) insuficiente conhecimento científico sobre a doença, sua alta taxa de infecção e a ausência de vacinas comprovadamente eficientes geram dúvidas e preocupações à população e faz com que os governos adotem medidas de contenção, visando principalmente coibir a circulação do vírus nos territórios, como as restrições ao trabalho, lazer e esporte, fazendo com que as pessoas necessitem ficar em suas residências. Assim, a pandemia do novo coronavírus tem gerado não apenas uma crise sanitária e colapso nos sistemas de saúde pública, mas também em todo conjunto econômico, aumentando o desemprego e inflação, principalmente nos países menos desenvolvidos, como é o caso do Brasil.

Com o desemprego assolando a população, o governo brasileiro vem investindo pesado em políticas públicas que asseguram condições mínimas à população, assegurando o emprego e injetando dinheiro na economia. No Brasil, como forma de enfrentar a crise, o governo brasileiro criou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, por meio da Medida Provisória nº 936, de 2020, apostando na “redução da jornada de trabalho e, proporcionalmente, do salário, mediante acordo individual escrito ou negociação coletiva e com duração máxima de 90 dias” (DIEESE, 2020). Contudo, o programa, além de tornar precárias as relações trabalhistas, é voltado apenas para os trabalhadores formais do setor privado e terá um impacto negativo sobre a massa de salários pagos nesse setor, em decorrência da perda do rendimento salarial individual.

Com isso, surgem soluções criativas e empreendedoras, para garantir o mínimo de dignidade e condições financeiras à população. Essas atividades empreendedoras parecem fazer parte de uma nova realidade, apontada por vários estudiosos, no mundo pós-pandemia.

Nesse sentido, o presente artigo teve como objetivo analisar o empreendedorismo diante da pandemia da COVID-19, levantando discussões a respeito do tema, relacionando ao trabalho informal, desemprego e crise econômica. Para tanto, optou-se por fazer uma revisão bibliográfica do assunto que, apesar de recente, já dispõe de boas fontes de pesquisa e dados consolidados para a análise, bem como analisar as questões relacionadas ao empreendedorismo por necessidade, por oportunidade e o empreendedorismo solidário.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desemprego e Recesso Econômico Gerado pela Pandemia do COVID-19

A pandemia gerou uma crise econômica sem precedentes em um curto espaço de tempo. Alguns estudiosos chegam a falar em “recessão global”. Para reerguer a economia o G-20 estimou uma conta de US\$ 5 trilhões, mas o impacto pode ser muito maior (HOFFMAN, 2020). E a crise parece ser ainda maior nas populações historicamente vulneráveis. Elas vêm apresentando a maior taxa de mortalidade pelo vírus (uma vez que estão associadas a um sistema de saúde precário) mas também piores consequências econômicas (FOOHEY; JIMÉNEZ; ODINET, 2020).

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) apontam que cerca de 700 mil pessoas passaram a fazer parte da estatística do desemprego nas duas primeiras semanas de junho no Brasil, o que elevou o índice de desocupação para 12,9%, conforme expresso na Figura 01 a seguir.

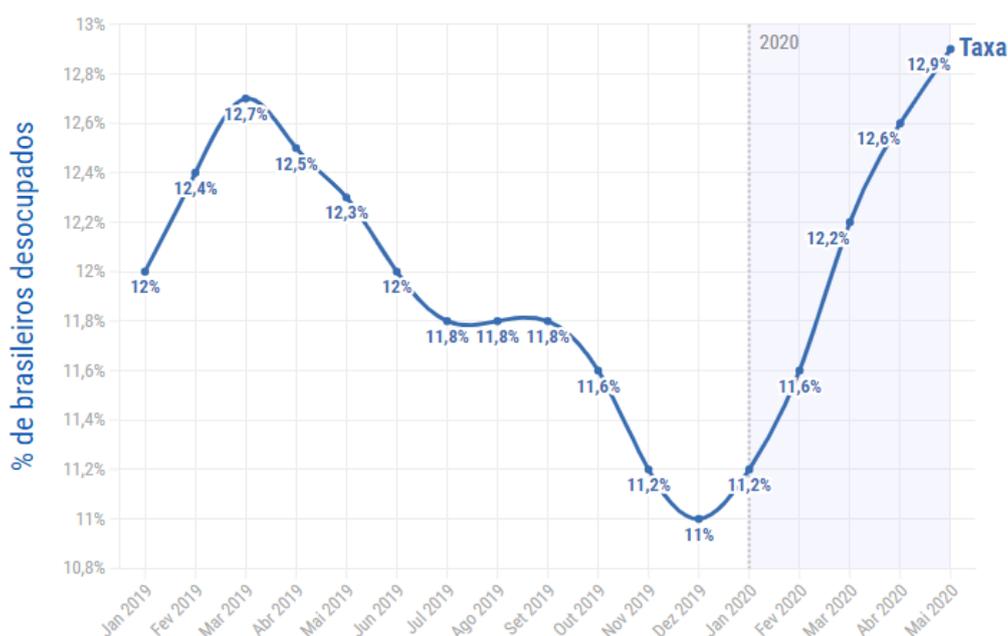


Figura 1 – Taxa de desocupação entre janeiro de 2019 e maio de 2020 (Fonte: IBGE, 2020)

Recentemente, dados verificados pelo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) mostram que na quarta semana de julho, a taxa de desocupação no país chegou a 13,7% - um dos maiores índices já verificados – o que corresponde a 12,9 milhões de pessoas (PNAD, 2020). Comparados com a primeira semana de maio, o número de desocupados aumentou em 550 mil na terceira semana de julho. De acordo com a coordenadora da pesquisa, Maria Lúcia Vieira, o índice de desemprego também tem crescido na população informal (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Esse aumento da população desempregada e, portanto, a elevação da população informal exige que o Governo adote políticas públicas que possam assistir essas pessoas, para protegê-las da fome, da pobreza e amenizar a desigualdade social (que já era elevada antes mesmo da pandemia).

A crise sanitária revelou as fragilidades da economia brasileira, de estrutura precária e que se baseia principalmente no trabalho informal, na especialização da produção de bens primários para exportação. Conforme dados divulgados no dia 01 de setembro de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil desabou 9,7% no segundo trimestre de 2020, em relação ao primeiro trimestre, confirmando a entrada do país em recessão técnica como reflexo da forte desaceleração da atividade entre os meses de março e abril. Em relação ao igual período de 2019, a queda foi de 11,4%. A recessão técnica é quando a atividade econômica, medida pela variação do PIB de um trimestre para o outro registra duas quedas consecutivas (IBGE, 2020).

Segundo relatório da consultoria de risco Marsh & McLennan Companies (2020), apesar das pandemias modernas terem um índice de mortalidade menor que as da antiguidade (muito relacionado ao desenvolvimento da medicina e da ciência), essas crises na saúde impactam severamente na economia, principalmente dos países ainda emergentes. As pandemias provocam perda da mão de obra, por conta de afastamento relacionado a doenças e mortes; diminuição da produtividade, devido ao medo da contaminação e distanciamento das pessoas e familiares; rupturas operacionais, com atrasos e alterações na logística de suprimentos das empresas; além da diminuição da demanda pelos consumidores, com medidas mais rígidas aplicadas pelos governos dos países (MARSH & MCLENNAN COMPANIES, 2020).

A crise financeira pode ser evitada ou amenizada, através de bons planos de governo, que envolvam concessão de garantias de empréstimos, maior liquidez, crédito a empresas (principalmente à micro e pequenas empresas), além de outras ações que possam proteger empresas e trabalhadores. Deve-se pensar muito além do 2020, não só na pandemia, mas algo mais duradouro.

Empreendedorismo por Necessidade e Oportunidade

A economia mundial tem apresentado um dos piores índices dos últimos 100 anos e, como resultado, entrará na recessão mais profunda desde a 2ª Guerra Mundial. No Brasil, este resultado

seria ainda pior se o governo não injetasse recursos na economia, mas levará o país à uma dívida jamais vista na história, com queda do PIB prevista de 6,5%, como mostram os dados da Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão do próprio governo federal (IFI, 2020). A Figura 2 apresenta essa queda do PIB no primeiro semestre de 2020.

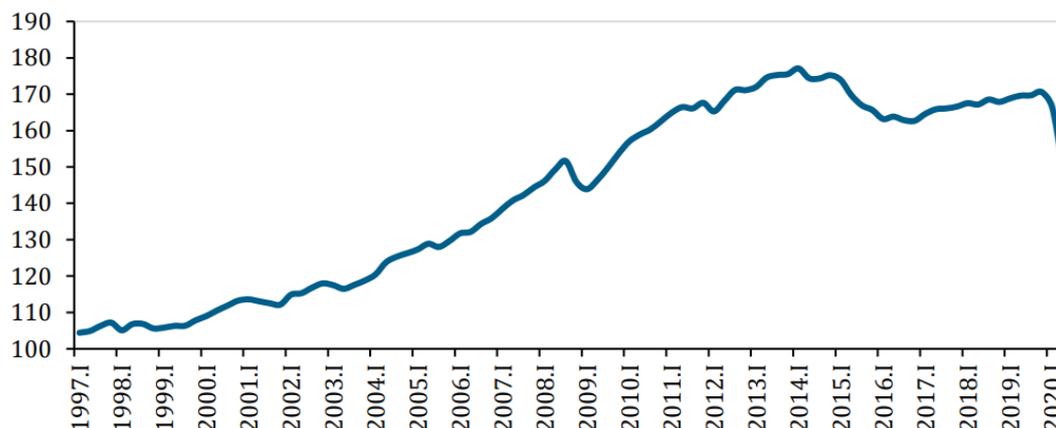


Figura 2 – PIB: Índice com ajuste sazonal (média de 1995 = 100) (Fonte: IBGE, elaboração IFI, 2020)

Como resposta à crise econômica e ao desemprego, nos primeiros quatro meses de 2020, o número de empresas abertas foi maior que o número de empresas que fecharam as portas. Segundo o governo federal, o saldo líquido de empresas abertas é o maior da última década. Nesse aspecto, é possível perceber que, no Brasil, há uma grande necessidade de se empreender para superar as dificuldades apresentadas no período da pandemia, visto que muitas pessoas perderam seus empregos e necessitam de uma fonte de renda para sobreviver (GOVERNO FEDERAL, 2020). Nasce então o conceito de “empreendedorismo por necessidade”, que, segundo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), acontece quando não há oferta de trabalho para o indivíduo e este, para garantir sua própria sobrevivência e, às vezes, de seus familiares, encontra sua saída no empreendedorismo (SEBRAE, 2020a).

Grande parte do empreendedorismo por necessidade brasileiro resulta de uma questão de sobrevivência, uma vez que seu crescimento está vinculado a uma crise econômica. As empresas que têm maior impacto no Brasil são as empresas baseadas no empreendedorismo de oportunidade, uma vez que possuem melhor preparação para o desenvolvimento de seus negócios e investem em inovações e novas tecnologias. Já o empreendedorismo por necessidade gera um retardamento para o desenvolvimento econômico social fazendo com que a atividade informal cresça, visto que não há qualquer estudo ou preparo dos empresários para se instalarem no mercado (NASSIF; GHOBIL; AMARAL, 2009).

Com a criação do Microempreendedor Individual (MEI), o Brasil permitiu que muitos empreendimentos se legalizassem, com impostos reduzidos, e contribuíssem com empregos formais estimulando a economia nacional. A Figura 3 traz um gráfico demonstrando o aumento do número dos MEIs optantes pelo Simples Nacional (regime tributário simplificado) nos últimos anos no país.

NÚMERO DE EMPRESAS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (2008-2016)

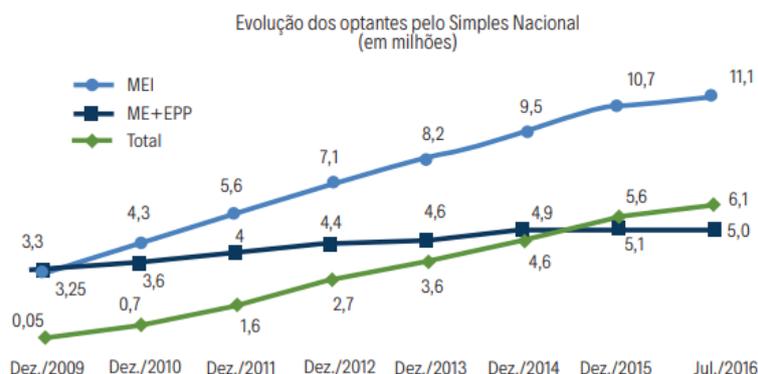


Figura 3 – Número de empresas optantes pelo Simples Nacional (2008-2016) (Fonte: SEBRAE, 2016)

Paralelamente ao empreendedorismo por necessidade, existe o empreendedorismo de oportunidade. Esse tipo de empreendedorismo fundamenta-se no pensamento econômico neoclássico de que empreendedores são pessoas atentas às oportunidades. Kirzner (1979) caracteriza o empreendedor como aquele que está sempre em alerta para descobrir e explorar novas oportunidades. Para Muniz (2008) o empreendedor é aquele que se antecipa aos fatos, fazendo as coisas acontecerem com organização e visão de futuro, desta forma abre empresas com a intenção de administrá-las para aproveitar uma oportunidade. Com esse pensamento, não existiria um empreendedor apenas por necessidade, pois embora a causa que o leva a empreender seja a necessidade, ele precisa visualizar uma oportunidade para concretizar seu empreendimento. Em pesquisa realizada por Tavares, Moura e Silva (2013) sobre as características dos empreendedores concluiu-se que não há diferença significativa entre o perfil empreendedor por oportunidade e o perfil por necessidade.

Tavares, Moura e Silva (2013) levantam o que seriam as quatro características principais necessárias à um empreendedor: Planejamento, Realização, Poder e Inovação. Cada dimensão com características comportamentais conforme mostradas no Quadro 1.

Quadro 1 – Características comportamentais x dimensões

Características Comportamentais	Dimensões
Estabelecimento de metas; Busca de informações; Planejamento e monitoramento;	Planejamento
Busca de oportunidades; Iniciativa; Persistência; Aceitação de riscos; Comprometimento;	Realização
Persuasão; Estabelecimento de redes de contato; Liderança; Independência; Autoconfiança.	Poder
Criatividade; Inovação.	Inovação

Fonte: TAVARES, MOURA E SILVA (2013)

Em um panorama genérico, o empreendedor precisa visualizar uma oportunidade, ainda que o motivo que o leve a empreender seja a necessidade, o que diferencia as duas formas é que o empreendedor por oportunidade não precisa do empreendimento como única fonte de renda, ele possui outras formas de renda e objetiva apenas aumentar a renda mensal, mesmo que possa deixar seu emprego fixo quando o empreendimento lhe fornecer renda suficiente. Enquanto o empreendedor por necessidade não tem outra fonte de renda e necessita do empreendimento para sobreviver. Por isso, em teoria, o empreendedorismo por oportunidade teria mais chance de sucesso, pois pode ser

planejado com calma e geralmente com mais recursos (BONA 2019). Usualmente, quem empreende por necessidade conta ainda com pouca experiência e conhecimento teórico no ramo empresarial, o que pode trazer maiores dificuldades, mas não impossibilita o início do negócio. Bona (2019) ainda afirma que empreender por oportunidade afeta de forma mais significativa o crescimento econômico de um país.

Pós-pandemia, tendências e empreendedorismo

A pandemia da COVID-19 trouxe consigo uma situação ímpar para a humanidade. Se por um lado o isolamento social e o fechamento do comércio evitam o contágio em massa, por outro, o setor privado passa por um grande déficit, deixando claro uma recessão econômica em um futuro não muito distante (BORGES, 2020). Neste contexto de crise econômica, o desemprego é uma realidade e uma grande massa de trabalhadores informais aparece (ALMEIDA; DE SOUZA; CARNEIRO, 2020). Além do desemprego, a precarização que atinge o mercado formal, faz com que um emprego bem remunerado, com todos os benefícios que o trabalhador tem por direito, seja cada vez mais raro, proporcionando o aumento do ingresso no setor informal, trabalhadores esses que são reconhecidos, governamentalmente, como microempreendedor ou empresário individual (ALMEIDA; DE SOUZA; CARNEIRO, 2020).

Frente à necessidade de superar o desemprego, ou a precarização do trabalho formal, o trabalho informal parece ser uma tendência no contexto de pandemia e pós-pandemia. Segundo dados do SEBRAE (2020a), em 2018, a cada duas semanas, em média, 61.043 novos MEIs se formalizaram. Já em 2019, esse número aumentou para 83.698 e, as cinco primeiras quinzenas de 2020 apresentaram uma média de 107.861 novos MEIs, um número muito superior que os dois anos anteriores.

Cabe ressaltar que, para além do desemprego e da precarização do trabalho formal, alguns fatores podem ter contribuído para o aumento da formalização do microempreendedor individual durante a pandemia do novo coronavírus; 1) a formalização favorece a atuação em setores que estão alta nesse período, como por exemplo, o setor da alimentação, com o fornecimento de marmitas ou de alimentos para estabelecimentos liberados para funcionar, como as padarias, e no segmento de serviços de transporte e entrega; 2) o Governo Federal anunciou um conjunto de medidas para apoiar empreendedores, como a liberação do Auxílio Emergencial de R\$ 600, que deve atender cerca de 3,6 milhões de MEIs, além da liberação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para essa categoria (SEBRAE, 2020b).

Neste contexto desafiador que a pandemia do novo coronavírus impõe, outra tendência são as iniciativas criativas e de solidariedade. Segundo Borges (2020) tais iniciativas poderão ser um ponto de ignição entre o fim do período pandêmico e o retorno da vida econômica. Dentre essas iniciativas, que ao mesmo tempo são ferramentas de negócios, o Empreendedorismo Solidário (ES) poderá encaixar no período pós-crise (BORGES, 2020). Vale dizer que, ES não são organizações sem fins lucrativos como ONGs, mas visa o lucro (BORGES, 2020), e define-se:

como um sistema socioeconômico aberto, amparado nos valores da cooperação e da solidariedade no intuito de atender às necessidades e desejos materiais e de convivência, mediante mecanismos de democracia participativa e de autogestão, visando a emancipação e o bem-estar individual, comunitário, social e ambiental (DOS SANTOS; BORINELLI, 2010, p. 19).

Borges (2020) apresenta dois exemplos práticos de como a ES poderá se consolidar em momentos de crises:

1º Exemplo: Cidadão "A" assalariado, recebendo 3 salários mínimos, possui a expertise de montar cursos on-line, filmagem e etc., resolve chamar a cidadã "B", pequena costureira, que com seu trabalho de autônoma, recebe um pouco menos que 1 salário mínimo. "A" então monta um curso on-line com a cidadã "B" de costura e realiza a venda deste curso. Porém, o curso que normalmente seria um valor de R\$ 300,00, "A" precifica por R\$ 50,00, dividindo 50% dos seus lucros com a venda do curso com a "B". Pronto, dessa forma, ambos aproveitando de suas experiências, agregaram em suas famílias uma renda extra com a venda de um curso.

2º Exemplo: Cidadão "C", desempregado, as empresas do seu ramo de experiência não estão contratando, precisa adquirir uma renda para pagar as contas de sua casa, busca então se profissionalizar em outra área. Resolve fazer um curso que achou na internet de Corte e Costura bem abaixo do valor do mercado (o curso do exemplo anterior). Com isso, ele começa o seu empreendimento na sua localidade, e pensando

em obter um networking e trocar experiências, chega à conclusão que deve entrar em uma cooperativa local de costureiras (BORGES, 2020, p. 04).

Esses dois exemplos demonstram como são possíveis empreendimentos solidários, construídos através da criatividade e da união de experiências, melhorarem os rendimentos, e desse modo, impactarem a economia e a sociedade. A ES, em tempos de crise pandêmica, econômica, social, afetiva e etc., nas quais as lacunas do modelo econômico, como as desigualdades sociais, ficam evidentes, poderá ser uma ferramenta que para auxiliar na resolução dos desafios futuros. Além disso, tal como considera Borges (2020), a ES pode trazer à tona as habilidades das pessoas, sejam elas jovens, adultos ou idosos, não apenas para criarem uma renda, mas também de criarem uma renda extra, que possibilitam melhores condições de vida, através de ações que podem ser implementadas de dentro de casa (*home office*), com amigos, vizinhos, à distância, on-line e das mais diversas formas. A criatividade e a inovação farão surgir novos empreendedores, e estes serão fundamentais para reerguer economicamente a sociedade no período pós-pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus gerou uma crise na saúde pública e na econômica de diversos países no mundo, e com o Brasil não vem sendo diferente. A taxa de desocupação chegou ao 13,7%, o que corresponde a 12,9 milhões de pessoas, um dos maiores índices já verificados. A falta de políticas públicas efetivas para a garantia de subsistências no cenário de falta de renda, proporcionou um ambiente favorável para as atividades empreendedoras. Essa situação fica evidente diante ao aumento expressivo dos números empresas abertas nos primeiros quatro meses do ano, que foi maior que o número de empresas que fecharam as portas, além do aumento considerável da média de formalização do MEIs, em relação aos dois anos anteriores.

O despertar de novos empreendedores durante a pandemia da COVID-19, seja por necessidade, oportunidade ou solidariedade, surgem como uma possibilidade de superação e resolução de problemas (como a falta de renda e pobreza) que estão presentes e provavelmente se arrastarão para o futuro. Dessa forma, sugere-se que novos estudos investiguem o impacto econômico da entrada desses novos empreendedores sob a recessão que o país possivelmente viverá nos próximos anos.

De qualquer forma, a crise irá provocar uma mudança no modo de vida e, conseqüentemente no padrão de consumo, na forma de prestação de serviços, levando a queda da renda e na dificuldade em algumas atividades se manterem. Assim, os atuais desocupados, nos termos das políticas hegemônicas hoje, terão que encontrar outras formas de adaptação (KREIN; BORSARI, 2020). Essa adaptação pode ser traduzida no aumento das atividades empreendedoras.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego na pandemia continua subindo e chega a 13,7%** - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - 14/08/2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/desemprego-na-pandemia-continua-subindo-e-chega-137>>. Último acesso 19 de set. de 2020.

ALMEIDA, I. C.; DE SOUZA F., J. C.; CARNEIRO, L. G. A. Um novo caminho para os pequenos produtores frente ao Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e351985066-e351985066, 2020.

BONA, A. **Empreender por oportunidade ou necessidade?** Negócios & Tecnologia. 2019. Disponível em: <<https://andrebona.com.br/empreender-por-oportunidade-ou-necessidade/>> Acesso em 20 Set. 2020.

BORGES, C. S. M. B. EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO ECONÔMICO EM TEMPOS DE CRISE. **Boletim Economia Empírica**, v. 1, n. 2, 2020.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **O Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda diante dos impactos da Covid-19**. Nota Técnica, 232, 1-13. 2020. Disponível em <<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2020/notaTec232ProgramaEmergencialGoverno/index.html?page=1>>. Último acesso 20 de em set. 2020.

DOS SANTOS, L. M. L.; BORINELLI, B. Socioeconomia Solidária: propostas e perspectivas. In: BORINELLI, B.; DOS SANTOS, L. M. L.; PITAGUARI, S. O. (ORGs). **Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional**. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

FOOHEY, P; JIMÉNEZ, D; ODINET, C, K. The Debt Collection Pademic. **California Law Review Online** (Forthcoming 2020). 19p. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3598623>. Último acesso em 22 de set. de 2020.

GOVERNO FEDERAL. **Brasil registra saldo de quase 700 mil empresas abertas nos primeiros quatro meses do ano**; 18/06/2020. Disponível em: < [HOFFMAN, B. The COVID-19 Pandemic. **EAI Commentary**, No. 14, 2020.](https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/06/brasil-registra-saldo-de-quase-700-mil-empresas-abertas-nos-primeiros-quatro-meses-do-ano#:~:text=S%C3%A3o%20Paulo%20%C3%A9%20o%20estado,no%20primeiro%20quadrimestre%20de%202020.>Último acesso 19 de set. de 2020.</p></div><div data-bbox=)

HOPKINS, J. Coronavirus COVID-19 global cases by Johns Hopkins CSSE. **ArcGIS. Johns Hopkins CSSE. Consultado em**, v. 29, 2020. Disponível em: Disponível em <<https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6> > Último acesso em >. Último acesso em 20 de set. 2020.

IFI - INSTITUTO FISCAL INDEPENDENTE. **Relatório de acompanhamento fiscal / Setembro de 2020**. Disponível em: < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/576808/RAF44_SET2020_1_Contexto_macro.pdf f>. Último acesso 19 de set. de 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PIB tem queda recorde de 9,7% no 2º trimestre, auge do isolamento social**. Disponível em:< <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28720-pib-tem-queda-recorde-de-9-7-no-2-trimestre-auge-do-isolamento-social>>. Último acesso em 20 de set. 2020.

KIRZNER, I. M. (1979). **Perception, opportunity, and profit: studies in the theory of entrepreneurship**. Chicago: University of Chicago Press.

KREIN, J. D; BORSARI, P. **Pandemia e Desemprego: análise e perspectivas**. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/pandemia-e-desemprego-analise-e-perspectivas/>. Acesso em 18/09/2020.

MARSH & MCLENNAN COMPANIES. **Pandemic Readiness: Risk Finance and Mitigation Strategies**. Disponível em:< <https://www.editoraroncarati.com.br/v2/phocadownload/Relat%C3%B3rio%20Insuring%20Pandemic%20Risk.pdf>>. Último acesso em 20 de set. 2020.

MUNIZ, C. N. S. **Atitude empreendedora e suas dimensões**. Dissertação de Mestrado em Administração. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

NASSIF, V. M. J.; GHOBIL, A. N.; AMARAL, D. J. do; Empreendedorismo por Necessidade: O Desemprego como Impulsionador da Criação de Novos Negócios no Brasil. **Pensamento & Realidade**. v. 24, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7075> >. Último acesso 19 de set. de 2020.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. O IBGE Apoiando o Combate à COVID19. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>>. Último acesso em: 23 de set. de 2020.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo: Você sabe mesmo o que significa?** Disponível em: < <https://cer.sebrae.com.br/empreendedorismo>

